



**Quando nos referimos ao poder da mulher falamos do poder de sedução ou ao poder maternal. Eu gosto, mas ao mesmo tempo pode ser uma construção daquela estratégia de morder e soprar e ficamos contentes com esses poderes e depois não sonhamos mais. Não nos aconcheguemos a pensar que essa é a esfera do nosso poder” - Emília Nhalevilo.**

## **O poder nunca é no individual e nunca se serve a si próprio - Graça Machel**

O trabalho da FDC enquadra-se no processo de transformação social que pela sua natureza mexe com estruturas, sistemas e práticas que encerram consigo formas e atitudes que as partes envolvidas expressam no exercício do poder que lhes é conferido seja por mandato, designação ou representação. Na edição desta semana trazemos a estimada e estimado leitor o debate em torno do poder, este conceito mágico que mexe com todo consciente ou inconsciente, mas que leva consigo enorme responsabilidade por ser um valor cuja utilidade reside

no servir a outrem e ao bem comum. Para darmos corpo a estas asserções, temos esta semana as incidências do 14<sup>º</sup> Congresso Mundos de Mulheres que teve como um dos temas o poder, num painel em que perfilaram figuras de elevado capital social como a activista Graça Machel, as académicas Emília Nhalevilo e Joana dos Passos e a incontornável pastora do Conselho Cristão de Moçambique (CCM), Felicidade Xerindza. O Congresso decorreu, de 19 a 23 de Setembro, na Universidade Eduardo Mondlane, subordinado ao tema: Feminismos Africanos - Construindo Alternativas para as Mulheres e para o

Mundo, através de um Corredor de Saberes que Cuida e Resiste. O objectivo era criar um espaço de debate amplo, entre diversas personalidades académicas, activistas e organizações feministas a reflectirem sobre a igualdade e diversidade de género.

Com cerca de 400 intervenções, a conferência teve várias actividades, dentre elas as Mesas Redondas, Oficinas, Rodas de Conversa, Debates, Exposições, Performances, Instalações e Feiras de Livros e de Gastronomia, entre outras actividades, assentes em 3 grandes pilares nomeadamente a academia, activismo e movimentos sociais ou da sociedade civil incluindo a arte e cultura.

**“As mulheres, na sua própria família, têm e exercem poder de uma maneira tão informal, que não é determinada por lei ou decreto, mas que contribuem para que a família tenha relações saudáveis.**



A Mesa redonda com o tema Género, Língua e Poder girou em torno do papel da mulher, seus desafios e perspectivas para o alcance da emancipação e equidade de género na arena política, económica e social. Durante o debate as mulheres panelistas partilharam as suas experiências de modo a inspirar outras mulheres, raparigas e a sociedade no geral.

Graça Machel, PCA da FDC, contou um pouco da sua trajectória pessoal dando graças pela oportunidade e pela confiança dadas pelos seus parentes. **“Eu não estaria viva se a minha família não tivesse depositado em mim a confiança de que eu posso ter uma trajectória**

**diferente. É possível atingir níveis incríveis desde pequeninas, se investirem nas raparigas para despertar aquela luz interna que cada uma de nós tem”, disse Machel, que depois definiu o poder como algo que pertence a todos. “Quero com isso desmistificar o que chamam poder. O poder existe e está dentro de nós. Não escolhe a raça, estatuto social, as circunstâncias, nem o local do globo onde tu estás. É inerente a condição humana de nós existirmos como pessoas”.**

Para Graça Machel, o poder pode ser entendido igualmente na perspectiva institucional.





**“Pode ser por mandato, por designação, representação, mas mesmo quando é individual, ou por delegação de funções, em qualquer dos casos, o poder para mim é uma responsabilidade. Nunca é uma consagração de seres tu e somente tu que és capaz de fazer certas coisas. É uma responsabilização, pode ser na família, na aldeia, ou nas instituições pública ou privadas, partidos políticos ou responsabilidades a nível nacional”.**

Numa perspectiva feminista, Graça mencionou o papel da mulher para o bem estar de uma família, aldeia ou comunidade. **“As mulheres, na sua própria família, têm e exercem poder de uma maneira tão informal, que não é determinada por lei ou decreto, mas que contribuem para que a família tenha relações saudáveis”.**

Graça Machel refere que as mulheres, nos seus agregados familiares, têm suma responsabilidade que as obriga a cumprirem certos deveres. **“Elas existem sempre para estabelecer pontes e trazer harmonia no seio das comunidades e famílias e fazer com que as pessoas sejam mais humanas”.**

Falando da sua própria experiência, Graça Machel contou que quando tinha 28 anos, foi-lhe dada a responsabilidade de ser Ministra da Educação e teve de entender que a sua posição naquele lugar representava aquilo que se espera das mulheres moçambicanas. **“Nunca era eu como Graça. Eu representava as mulheres moçambicanas num sector de grande responsabilidade no país. O que eu quero dizer é que essa coisa de poder começa por saber que posso e posso me oferecer para servir, mas ao servir, nunca exercer essas funções em teu nome pessoal, mas daqueles que te mandataram e nesse caso em representação de todas as mulheres”.**

Graça mencionou o caso de algumas mulheres que assumem funções muito elevadas no Estado e se esquecem de regularmente consultar as outras mulheres sobre como é que devem servir melhor as causas das mulheres nas posições em que estão.

Como forma de estimular a chama do poder que existe nas mulheres,

Graça Machel afirma ser necessário, através de uma acção colectiva, organizada, paciente e perseverante, organizar e estruturar os aspectos e formas de luta que as mulheres devem adoptar.



**Em alguns locais levou séculos, noutros levou décadas, mas tem de ser de uma forma organizada, estruturada, liderada de maneira a que possamos saber qual é o primeiro passo, o segundo e terceiro até podermos medir os progressos que estamos a fazer.**

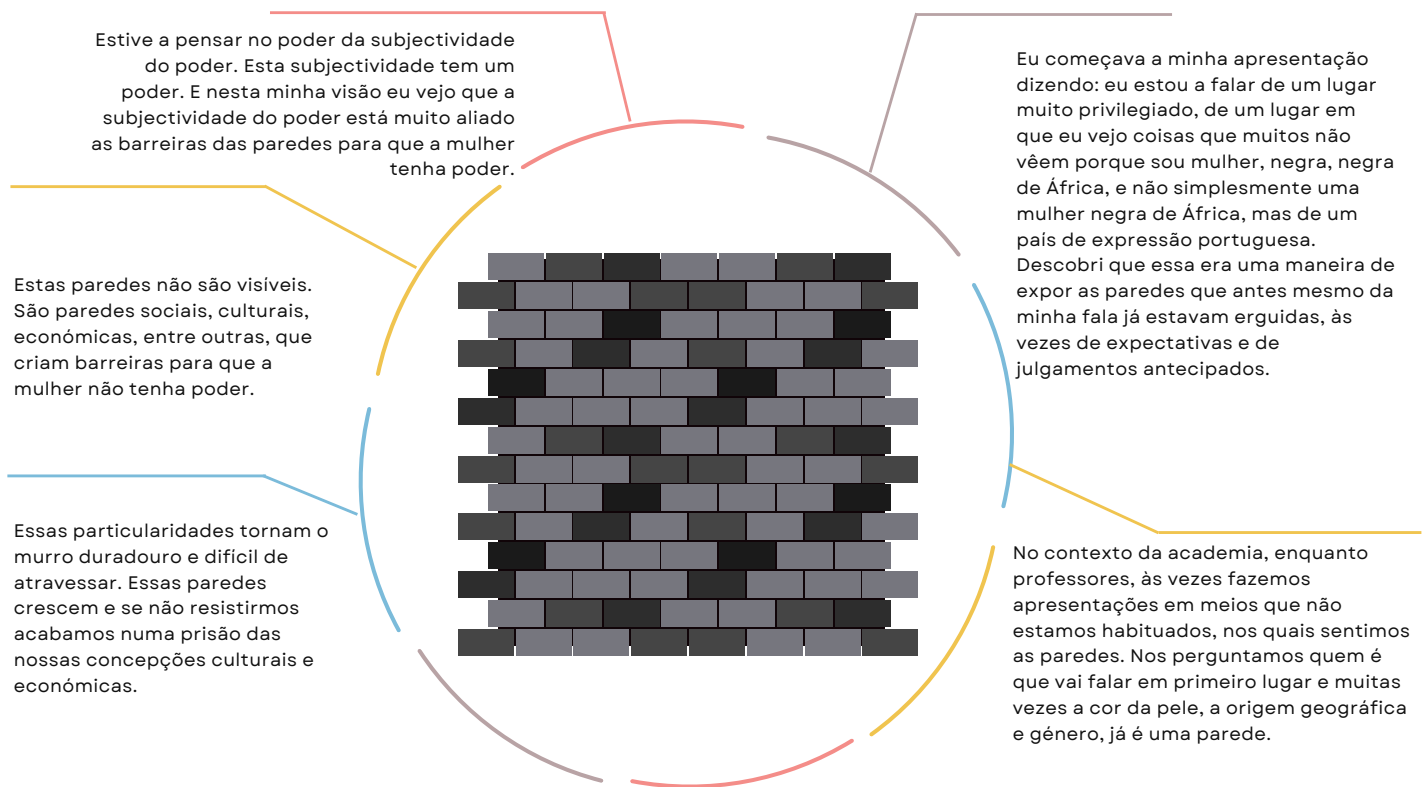


Machel concluiu o seu discurso defendendo que o poder sempre serve ao colectivo e não a si mesmo. **"No contexto das nações nós somos sempre o colectivo, servimos o colectivo e ganhamos a nossa legitimidade da maneira que servimos os colectivos que nos mandataram para estarmos numa determinada posição do poder. O poder nunca é individual e nunca se serve a si mesmo."** Concluiu.

## Emília Nhalevilo



Emília Nhalevilo, académica e reitora da Universidade Pungué, foi a segunda a intervir depois da Graça Machel, tendo abordado sobre as várias formas de agressão ao poder feminino. Emília disse no seu discurso que a sociedade limita a mulher apenas ao poder da sedução e maternal. "Quando nos referimos ao poder da mulher falamos do poder de sedução ou ao poder maternal. Eu gosto, mas ao mesmo tempo pode ser uma construção daquela estratégia de morder e soprar e ficamos contentes com esses poderes e depois não sonhamos mais. Não nos aconcheguemos a pensar que essa é a esfera do nosso poder".



Para a pastora Felicidade Xerindza, Presidente do Conselho Cristão de Moçambique, que não esteve presente na conferência, porém, fez chegar a sua mensagem por via de áudio, argumentou que a palavra poder tem muitos significados tanto bons como maus. É bom quando é entendido como uma forma de exercer influências positivas em determinados comportamentos ou assuntos, para corrigir desequilíbrios e injustiças e igualmente importante na manutenção de relacionamentos saudáveis, no conhecimento, respeito mútuo entre outros.

É mau quando é usado para fins destrutivos como intimidação, coerção, e outras formas não justas. Tem sido usado de forma abusiva quando silencia a voz da mulher, cria normas que impedem o crescimento intelectual dessa mulher.

A Pastora, defende ainda que o poder devia ser distribuído de forma igual para todos. “Para os cristãos Deus é a fonte do poder e deve ser distribuído equitativamente entre homens e mulheres, mas infelizmente na prática esse poder beneficia apenas aos homens” lamentou a cristã.

## Felicidade Xerindza





## Joana dos Passos

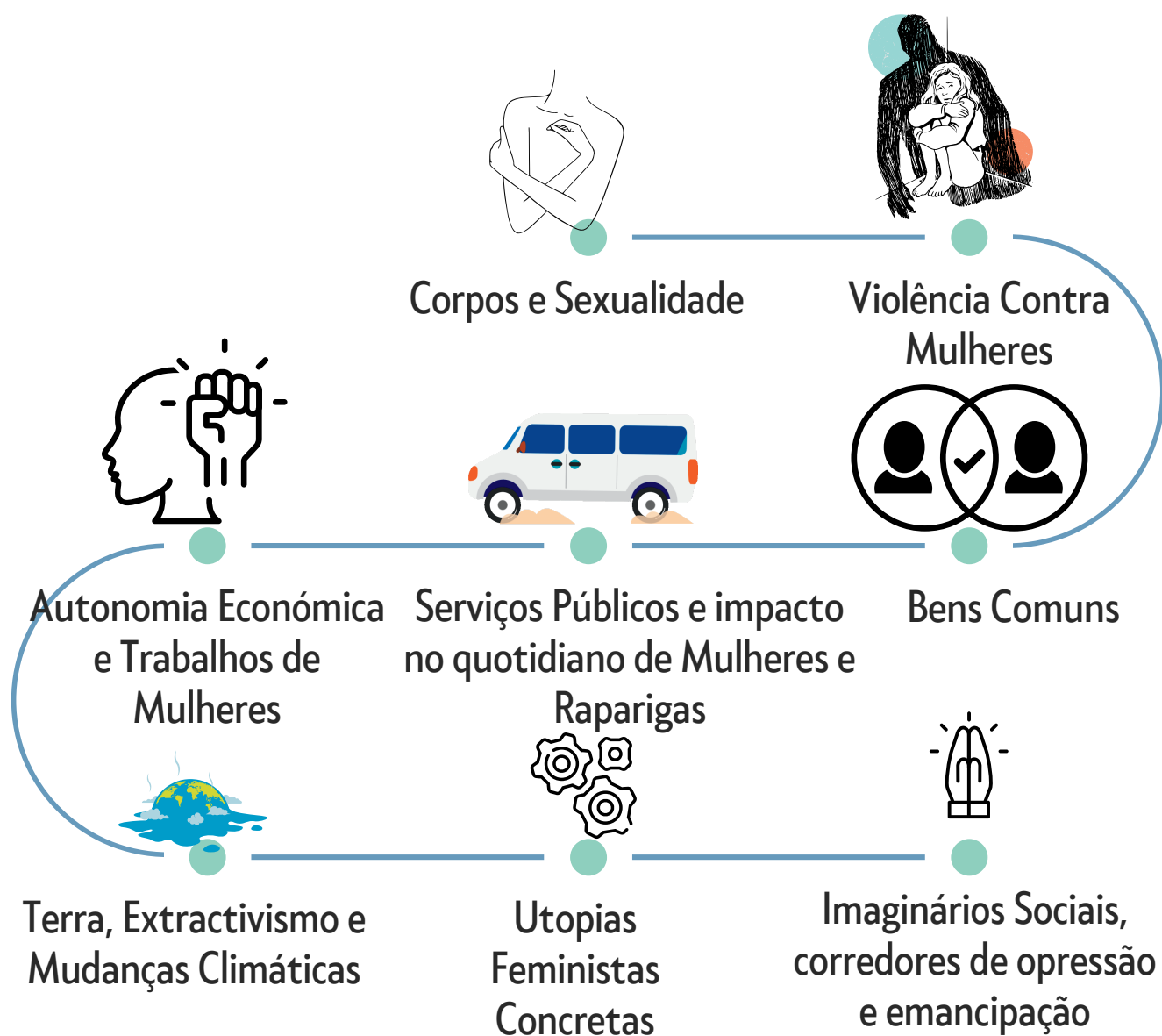
Eu não estou naquele lugar (Vice-reitora da Universidade Federal de Santa Catarina) para me auto-representar, não estou neste lugar como alguém que individualmente planejou uma carreira num espaço de poder. Eu estou naquele lugar porque fui levada para aquele lugar de vice-reitora por uma grande articulação das feministas da minha universidade e isso me honra. Quando fui convidada resisti porque achava que não era o momento. Trago esta história para começar esta conversa porque hoje me dou conta de que o facto de ter sido convencida é porque nem eu mesma acreditava que era possível. Eu, uma professora que carrega tantas outras meninas pela mão, e que digo a elas todos os dias: vocês podem!

Isso é para falar um pouco de como o racismo no Brasil estrutura as nossas subjectividades, igualdades e relações, quer sejam afectiva, no campo de trabalho, bem como as relações familiares. O racismo estrutura o estado brasileiro e estrutura também as universidades. Mas pensar em mulheres e poder significa pensar em diferentes possibilidades de ocupação desses espaços de poder, que historicamente estão destinados aos homens. Eu quero trazer duas questões a partir do Brasil para pensarmos.



O Brasil é um país da América Latina que mais cria obstáculos para a participação política das mulheres, tanto é que tivemos um impeachment da Dilma onde nada se comprovou justamente por ser um impeachment construído juridicamente, pelo judiciário, pelo parlamentarismo e pelas grandes mídias. Foi assim que perdemos a primeira presidente no Brasil. Temos igualmente um número cada vez menor que nos representa no parlamento, e por isso nos últimos anos, por força de lei conseguimos assegurar no mínimo 30% de participação de mulheres e no mínimo 20% de homens e mulheres negras no parlamento. No entanto, essa lei ainda não se efectiva porque embora tenhamos candidatos negros e negras não são eleitos justamente porque o poder no Brasil é branco, misógino e é isso que faz com que as mulheres se afastam desses espaços.

# Género, Língua e Poder foi um dos temas abordados entre vários outros como:



Mundos de Mulheres é um evento internacional e interdisciplinar realizado em diferentes países, para promover o encontro, diálogo e construção de sinergias entre mulheres académicas, activistas, colaboradoras de organizações da sociedade civil, artistas, entre outros.

O primeiro Congresso do Mundos de Mulheres realizou-se em 1981 e vem conquistando espaços na luta pela igualdade de género. Depois de passar por Israel, Holanda, Irlanda, Estados Unidos, Costa Rica, Austrália, Noruega, Uganda, Coreia, Espanha, Canadá, Índia e Brasil agora foi a vez de Moçambique



14º Congresso  
MUNDOS DE MULHERES  
Maputo-Moçambique

#### Ficha Técnica

**Propriedade:** FDC- Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade

**Coordenador da Direcção Executiva:** Joaquim Oliveira

**Editor:** Laque Francisco

**Equipa Técnica:** Laque Francisco, Sheila Cassamo e Kátia Mussá